

Reflexões sobre fascismo, integralismo e bolsonarismo
uma análise a partir do pensamento de Leon Trotsky

Frederico Jorge Ferreira Costa¹
Karla Raphaella Costa Pereira²

Resumo: De metodologia teórico-bibliográfica, o presente artigo analisa a natureza do neofascismo no mundo, confrontando diferentes teses sobre esse fenômeno com a clássica posição de Leon Trotsky em relação a essência do fascismo como força política. Expõe também a reflexão deste importante teórico e militante sobre o fascismo italiano e alemão das décadas de 1920 e 1930. A título de atualidade, indica os pontos de contato entre o fascismo e dois movimentos de extrema direita no Brasil, o integralismo da década de 1930 e o bolsonarismo da atualidade. Aponta, à guisa de conclusão, a possibilidade de retorno efetivo de modalidades da extrema direita, em especial do fascismo, no Brasil e no mundo. Compreender é urgente para combater o fascismo.

Palavras-chave: Fascismo; Integralismo; Bolsonarismo; Leon Trotsky.

Reflections about fascism, integralism and Bolsonarism
an analysis based on the thinking of Leon Trotsky

Abstract: Using a theoretical-bibliographical methodology, this article analyzes the nature of neo-fascism in the world, comparing different theses about this phenomenon with Leon Trotsky's classic position in relation to the essence of fascism as a political force. It also exposes the reflection of this important theorist and activist about Italian and German fascism in the 1920s and 1930s. For current affairs, it indicates the points of contact between fascism and two far-right movements in Brazil, Brazilian Integralism in the 1930s and current bolsonarism. It points out, by conclusion, the possibility of an effective return of right-wing extremism, especially fascism, in Brazil and around the world. Understanding is urgent to combat fascism.

Keywords: Fascism; Integralism; Bolsonarism; Leon Trotsky.

Reflexiones sobre el fascismo, el integralismo y el bolsonarismo
un análisis basado en el pensamiento de Leon Trotsky

Resumen: Utilizando una metodología teórico-bibliográfica, este artículo analiza la naturaleza del neofascismo en el mundo, comparando diferentes tesis sobre este fenómeno con la posición clásica de León Trotsky con relación a la esencia del fascismo como fuerza política. También expone la reflexión de este importante teórico y activista sobre el fascismo italiano y alemán en las décadas de 1920 y 1930. Para la actualidad, indica los puntos de contacto entre el fascismo y dos movimientos de extrema derecha en Brasil, el integralismo de la década de 1930 y el actual bolsonarismo. Señala, a modo de conclusión, la posibilidad de un retorno efectivo de las modalidades de extrema derecha, especialmente el fascismo, en Brasil y en todo el mundo. La comprensión de este fenómeno es urgente para combatir el fascismo.

Palabras-clave: Fascismo; Integralismo brasileño; Bolsonarismo; Leon Trotsky.

¹ Doutor em educação, Universidade Estadual do Ceará, Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana - UECE, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8357-4557>, e-mail: frederico.costa@uece.br.

² Doutora em educação, Universidade Federal Rural do Semi-árido, Grupo de Pesquisa Práxis e Formação Docente - UFRSA, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8357-4557>, e-mail: karla.costa@ufersa.edu.br.



1 INTRODUÇÃO

No dia 7 de janeiro de 2024, militantes de extrema direita fizeram a saudação fascista em frente à antiga sede do grupo neofascista Movimento Social Italiano (MSI)¹. A lei italiana, além de banir demonstrações pró-fascistas, proíbe a reorganização do partido fascista fundado por Mussolini. O Supremo Tribunal da Itália, no entanto, no dia 18 do mesmo mês, decidiu, estranhamente, que saudações fascistas são legais em comícios, a menos que ameacem a ordem pública ou corram o risco de reviver o partido fascista ilegal no país. Isso significou uma vitória do movimento fascista, no seu país de origem, e acendeu uma luz de alerta diante da experiência histórica do nazifascismo.

O fascismo está de volta? É uma alternativa factível para as classes dominantes? Qual sua natureza? Como combatê-lo? São perguntas cada vez mais presentes entre militantes do movimento operário-popular e trabalhadores.

O presente texto gravita em torno dessas questões, utilizando como referencial de análise a teoria do fascismo de Leon Trotsky e recorrendo a instrumentos de pesquisa teórico-bibliográfica. Como tal estudo é norteado, em última instância, pelo marxismo, a análise só é separada da intervenção social de maneira abstrata, mas a ela se liga em sua concretude. No primeiro momento, num esforço de revisão bibliográfica, confrontam-se as teses de Trotsky sobre o fascismo com diversas hipóteses referentes ao fenômeno fascista. Em segundo lugar, é apresentada a análise de Trotsky em relação à natureza essencial do fascismo como força política surgida e atuante na luta de classes da Europa, em particular na Itália e Alemanha, nas décadas de 1920 e 1930. São destacadas, também, diversas características do fascismo indicadas por outros intérpretes. No quarto tópico, num exercício de validação concreta das categorias de Trotsky sobre o fascismo, indicam-se pontos de contato entre dois movimentos de extrema direita do Brasil, o integralismo, na década de

¹ O Movimento Social Italiano (MSI) foi um partido neofascista italiano fundado em 1946 por veteranos da antiga República Social Italiana, estado fantoche dos nazistas na Itália (1943-1945), governado por Mussolini e ex-membros do regime fascista. Em 1972, passou a se chamar Movimento Social Italiano – Direita Nacional; dissolveu-se em 1995, integrando-se à Aliança Nacional. Fez parte da base de apoio do governo neoliberal de Silvio Berlusconi, no partido Povo da Liberdade. Encontra-se, com outros grupos neofascistas, no partido Irmãos da Itália, cofundado, em 2012, pela atual primeira-ministra de extrema direita Giorgia Meloni.

1930, e o bolsonarismo, na atualidade. Por fim, na conclusão, é indicada a possibilidade de retorno efetivo de diversas modalidades da extrema direita, em especial do fascismo.

2 POR ONDE COMEÇAR?

Independentemente da repugnância por ele, o fato é que o fascismo foi um dos fenômenos políticos mais importantes do século XX, reverberando até os dias atuais. Ao seu redor, foi produzida uma imensa literatura, necessariamente contraditória, com diversos conteúdos: fascistas, conservadores, liberais, democratas e de esquerda (socialistas, comunistas, anarquistas).

A perspectiva desse texto é, sinteticamente, compreender o fascismo, no sentido de fundamentar teoricamente e fortalecer as forças sociais capazes de se opor com firmeza às tendências fascistas atuais.

Os termos *fascismo* e *fascista* são distribuídos gratuitamente para adversários diversos no debate político. É um termo injurioso, que, às vezes, chega a ser utilizado contra a própria esquerda. Quem nunca ouviu a falácia inventada por setores da extrema direita de que o nazismo seria de esquerda. De outro lado, nem todo movimento reacionário é fascista, assim como nem toda repressão, mesmo a mais feroz, é sinônimo de fascismo. Um regime violento que defende privilégios de classe ou de casta não é necessariamente fascista. Por último, o conceito de fascismo não é redutível aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo.

Para compreender esse fenômeno, o ponto de partida só pode ser o da luta de classe do movimento operário por sua emancipação cuja perspectiva é a do marxismo, que surgiu como produto do modo de produção capitalista e das necessidades dos trabalhadores assalariados. O marxismo, que, por sua natureza, é militante, antiburocrático e antidogmático, sempre é enriquecido por novos fatos históricos e conquistas científicas.

Neste texto, são utilizadas como referencial teórico-político a perspectiva sobre o fascismo inaugurada pelas elaborações do revolucionário marxista Leon Trotsky (1879-1940), que dirigiu com Lênin a Revolução Socialista Russa, organizou o Exército Vermelho na guerra civil, fundou a IV Internacional e combateu a tomada do poder político pela

burocracia na URSS até o último dia de sua vida, sendo assassinado por um agente de Stalin, no México. A importância de Trotsky reside, primeiro, em sua atividade no movimento operário internacional, em particular no processo revolucionário russo; segundo, por suas elaborações teóricas, fruto da aplicação rigorosa do marxismo e de seu engajamento político, que acompanharam o desenvolvimento da luta de classes no decorrer no século XX com indicações que se demonstraram corretas. Como afirma o marxista belga Ernest Mandel (1995, p. 21),

Dentre todos os socialistas que se destacaram no século XX, foi Trotsky quem identificou com maior clareza as principais tendências de desenvolvimento e as principais contradições de sua época. Foi também Trotsky quem formulou de maneira mais clara uma estratégia apropriada para o movimento internacional dos trabalhadores. Sua contribuição para a história deste século, foi predominantemente política [...] e teve um caráter eminentemente prático e não puramente analítico-teórico. Trotsky desenvolveu um conceito, ou modelo, dos diferentes processos da luta de classes numa escala global, e tirou disso as necessárias conclusões práticas, táticas, organizacionais e estratégicas.

Nessa perspectiva, a teoria do fascismo de Trotsky é um dos momentos de um conjunto de contribuições para o desenvolvimento do marxismo e para o movimento organizado do proletariado, como: 1) a denominada teoria da revolução permanente, que identificou, já em 1905, a dinâmica do processo revolucionário russo, baseado no desenvolvimento desigual e combinado dos países; 2) a visualização da função revolucionária dos conselhos operários (soviets); 3) a antecipação da possibilidade de fracasso e isolamento da Revolução Russa, caso fosse vitoriosa a fração stalinista, e sua tese de *socialismo em um só país*; 4) a indicação da inevitável derrota do movimento operário alemão pelo nazismo diante da política divisionista do stalinismo e da social-democracia; 5) a indicação da hegemonia do imperialismo estadunidense como consequência da derrota dos imperialismos europeus e japonês, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945); 6) a crítica, a partir da análise do processo revolucionário chinês, na década de 1920, e da guerra civil espanhola (1936-1939), da política stalinista de *revolução por etapas*, o que levantou coordenadas estratégicas para a dinâmica da revolução socialista nos países atrasados ou periféricos.

A superioridade de Trotsky na compreensão e no combate ao fascismo reside na apreensão das tendências históricas da luta de classes do período e, a partir disso, na elaboração de conclusões práticas, táticas, organizacionais, estratégicas e programáticas para o movimento dos trabalhadores. Esse é um diferencial relevante em relação a obras de perspectivas acadêmicas, como a de Poulantzas (1978) e Mascaro (2022), apesar de suas inegáveis contribuições.

No conjunto de formas e processos sócio-políticos que constituíram o movimento fascista, Trotsky conseguiu identificar o essencial e o acessório, diferentemente, por exemplo, de Stanley (2018), que coloca o regime democrático-burguês como única alternativa ao fascismo e levanta uma série de características interessantes dos movimentos fascistas sem, no entanto, tocar no essencial.

Trotsky possibilitou aos trabalhadores a capacidade de identificar padrões do fascismo para elaborar respostas necessárias e efetivas. Nesse ponto, há uma distância abissal entre Trotsky e o stalinismo, que favoreceu a ascensão do fascismo e dificultou seu combate por parte dos trabalhadores com sua política sectária. Autores como Togliatti (1978) e Konder (1977), cada um a seu modo e a seu tempo, racionalizaram os erros políticos da burocracia stalinista.

Sustenta-se aqui que as teses de Trotsky sobre o fenômeno fascista, indicam validade operacional analítica, tanto no passado quanto em nossos dias. Isso distancia-se, por exemplo, de Gentile (2021), que exemplifica a tendência de negar a possibilidade histórica de retorno do fascismo como possível alternativa da burguesia na luta de classes. O que, independentemente das intenções do autor e de suas inúmeras contribuições, desarma e confunde as forças antifascistas conduzindo-as a não reconhecer claramente as diversas formas de rearticulação do fascismo em nossa época.

Por último, Trotsky não cai em caracterizações esquemáticas, idealistas e/ou ecléticas. Por exemplo, Bernardo (2022), ligado à visão crítica do capitalismo e da experiência do comunismo soviético, realiza um levantamento histórico colossal do fascismo em uma obra de vários volumes, no entanto, é prisioneiro da mitologia idealista do anarquismo, baseada numa abstrata auto-organização dos trabalhadores sem a mediação da forma política

do partido revolucionário. Exemplo de ecletismo, que mescla referenciais teóricos conflitantes sem o devido rigor metodológico, é a obra de Cabral (2022), apesar de possuir várias ideias interessantes.

3 A NATUREZA DO FASCISMO

O fascismo irrompeu repentinamente como um fenômeno novo na luta de classes internacional, o que dificultou para as direções do movimento operário a compreensão de sua natureza particular, pois uma teoria correta do fascismo é condição necessária para uma ação política efetiva contra ele. O movimento fascista se estabeleceu de maneira quase imediata – na Itália (Mussolini), em Portugal (Salazar), na Alemanha (Hitler) e na Espanha (Franco), criando ramificações em vários países e produzindo regimes autoritários. Primeiro, o fascismo investiu sobre as condições de vida das massas trabalhadoras, depois, por meio do expansionismo belicista, atacou a vida de milhões de seres humanos.

Trotsky, diante da ascensão do fascismo italiano e, em particular, do nazismo alemão, conjugou fundamentação teórica, análise política concreta e direcionamento prático para entender a essência do fascismo, a ameaça que representava para os trabalhadores e para a humanidade, além dos meios para derrotá-lo.

De acordo com Mandel (1976), a teoria do fascismo de Trotsky é formada por uma unidade de seis elementos que compõem uma totalidade dinâmica, que, em sua autonomia e conexões recíprocas, explicam o ascenso, a vitória e a queda da ditadura fascista. São eles:

1) O ascenso do fascismo é expressão da grave crise social do capitalismo, como foi a crise estrutural de 1929-1933, uma crise da reprodução do capital em que há a impossibilidade de continuar uma acumulação *natural* de capital dadas as condições de concorrência no mercado mundial. Nesse sentido, a função histórica da tomada de poder pelo fascismo é a alteração pela violência da correlação de forças a favor dos grupos decisivos do capital monopolista, das condições de reprodução do capital.

2) A forma de domínio da grande burguesia depende da conservação de um equilíbrio instável de forças econômicas e sociais. O exercício de dominação mais vantajoso, com o

mínimo de custos, é a democracia parlamentar, no entanto, quando esse equilíbrio é ameaçado e dificulta os interesses históricos do grande capital, a alternativa é a instauração de uma forma mais centralizada do poder executivo, mesmo com o risco de renunciar ao exercício direto do poder político.

3) Nas condições atuais do capitalismo, há uma imensa desproporção numérica entre trabalhadores assalariados e grandes capitalistas, então, uma centralização do poder de Estado que implica necessariamente na destruição de parte das conquistas do movimento operário é impraticável pelos meios normais, mesmo com os recursos de uma ditadura militar ou de um Estado policial. Torna-se imperativo atomizar e desmoralizar, por um longo período, a classe explorada consciente, com milhões de membros organizados em sindicatos e partidos operários, capazes de resistir aos ataques cotidianos do capital. Logo, a grande burguesia precisa de um movimento de massas que mobilize indivíduos para desgastar, desmoralizar e resignar os setores mais conscientes dos trabalhadores por meio do uso sistemático do terror e dos combates de rua.

4) Esse movimento de massas é construído com base na pequena-burguesia, que se encontra entre a burguesia e o proletariado. Tal classe é atingida duramente pela crise estrutural do capitalismo e levada ao desespero. No seu seio, surge um movimento ideológico feito de ideias conservadoras, rancor psicológico, nacionalismo e demagogia contra o sistema. O que se destaca de tudo isso é um profundo ódio em relação ao movimento operário organizado – sindicatos, partidos de esquerda, socialismo, marxismo, setores populares. Nesse contexto, o fascismo nasce, quando se iniciam os ataques físicos aos trabalhadores, suas organizações e suas manifestações. Depois, para conquistar o poder, é preciso o apoio financeiro e político de setores importantes do capital monopolista.

5) Condição prévia para que a ditadura fascista cumpra sua função histórica é a derrota do movimento operário, que deve ser esmagado. O ascenso do movimento fascista caracteriza-se como uma institucionalização da guerra civil, que não está decidida antecipadamente. Por isso, só em determinadas condições, a grande burguesia (o capital monopolista) apoia e financia essas experiências. Os fascistas podem destruir o movimento organizado dos trabalhadores, tanto como este pode ter iniciativa política e derrotar não só

o fascismo, mas o capitalismo que o produziu. Nesse contexto, a disputa para conquistar a pequena-burguesia e os setores mais atrasados dos trabalhadores assalariados é fundamental. Aqui se destaca o papel das direções da esquerda, de suas estratégias e táticas.

6) Se o fascismo conseguir esmagar o movimento operário, cumpre sua tarefa diante do capital monopolista. Em consequência disso, sua base de massas tende a burocratizar-se e ser, em grande parte, absorvido pelo aparato de Estado burguês. Os setores mais radicais que acreditam na demagogia fascista são apagados pela ideologia oficial. O caráter de classe da ditadura fascista não corresponde ao movimento de massas fascista. A ditadura fascista não defende os interesses da pequena-burguesia, mas os do grande capital. A dinâmica do fascismo, em particular nos países imperialistas, leva a aventuras militares no estrangeiro.

Esses são os elementos essenciais do fascismo, que não existe em estado puro, mas sob diversas formas, dependendo da formação social concreta e do ritmo da luta de classes. O fascismo é um recurso possível do capital financeiro, que utiliza a mobilização reacionária da pequena burguesia desesperada para destruir as sementes de democracia proletária presentes no capitalismo. O objetivo é claro: retomar a reprodução do capital com base na superexploração do trabalho por meio do rebaixamento salarial, da desestruturação de conquistas trabalhistas e desarticulação de instrumentos classistas de organização. Trotsky conseguiu, de forma rica e sintética, apreender o núcleo racional do fascismo como recurso opcional do capital financeiro.

A hora do regime fascista chega no momento em que os meios militares-policiais “normais” da ditadura burguesa, com a sua capa parlamentar, se tornam insuficientes para manter a sociedade em equilíbrio. Por meio da agência fascista, a burguesia põe em movimento as massas da pequena burguesia enfurecida, os bandos de “desclassados”, os “lumpen-proletários” desmobilizados, todas essas inumeráveis existências humanas que o próprio capital financeiro levou ao desespero e à fúria.

A burguesia exige ao fascismo um trabalho “limpo”: desde que admite os métodos da guerra civil, ela quer ter paz durante uma série de anos. E os agentes fascistas, servindo-se da pequena burguesia como de uma arma, e aniquilando tudo à sua passagem prosseguem no seu trabalho até o fim. A vitória do fascismo coroa-se quando o capital financeiro subordina, direta e imediatamente, todos os órgãos e instituições de domínio, de direção e de educação: o aparelho do Estado e o exército, as prefeituras, as universidades, as escolas, a imprensa, os sindicatos, as cooperativas. A fascistização do Estado significa não apenas “mussolinizar” as formas e os processos de direção – neste domínio as mudanças desempenham, no final de contas, um papel secundário – mas, antes de tudo e sobretudo, destruir as organizações operárias, reduzir o proletariado a um estado amorfo, criar um

sistema de organismos que penetre profundamente nas massas e esteja destinado a impedir a cristalização independente do proletariado. É precisamente nisto que consiste a essência do regime fascista (Trotsky, 2011, p. 152).

Nesse sentido, o centro do fascismo não é a limitação da democracia em geral ou do regime democrático parlamentar burguês, pois diversas formas de ditaduras militares, governos bonapartistas ou regimes de exceção o fazem. O fascismo busca desarticular, reprimir e destruir as organizações operárias, reduzindo o proletariado a um estado amorfo e sem ação independente. Daí sua natureza universal como possibilidade contrarrevolucionária à qual se somam diversos aspectos acessórios, mas não necessariamente desprezíveis ou menos importantes para conformar movimentos fascistas historicamente determinados.

Daniel Guérin (2021), intelectual e militante francês, que se propôs a diagnosticar a natureza do fascismo, logo em 1936; selecionando os traços comuns do movimento na Itália e Alemanha, destacou pontos importantes da ascensão fascista: a) para o fascismo, a mística vem primeiro, o que o aproxima da religião com o culto do homem providencial, vinculado ao culto da pátria, dos mortos, destacando à mística da juventude e do antigo combatente; b) a demagogia fascista propõe às suas tropas um anticapitalismo pequeno burguês, bem diferente do anticapitalismo socialista, criticando o capital de empréstimo e concentração industrial, dizendo-se protetor da classe operária; c) a verdadeira doutrina fascista outra coisa não é senão a velha ideologia reacionária negando o progresso, a razão e a democracia, ao mesmo tempo, ressuscitando o velho princípio aristocrático, o Estado-Moloch e a violência como método; d) o Estado fascista destrói os sindicatos e paralisa a resistência operária, extirpando todo vestígio de luta de classe, inclusive nas suas próprias organizações operárias com o blefe do Estado corporativo; e) o fascismo restitui os monopólios de Estado ao capitalismo privado, injeta capital nas empresas precárias e socializa apenas suas perdas, além do Estado fascista ser o principal cliente das indústrias em nome da defesa nacional; f) sacrifício das classes médias; g) o Estado fascista facilita a reconstituição da grande propriedade, favorece a superexploração dos diaristas, dos pequenos arrendatários e dos meeiros, com isenção fiscal para grandes proprietários e apoio à grande cultura.

Já Jason Stanley (2018), professor de filosofia da Universidade de Yale, em pleno século XXI, destaca, em relação aos movimentos de extrema direita e neofascistas existentes, algumas características que convergem com a experiência clássica, no sentido sobretudo das táticas utilizadas para o alcance do poder político. Segundo o autor, o sintoma mais marcante da política fascista é a divisão da população em *nós* e *eles*, nesse sentido: 1) a política fascista invoca um passado mítico puro (religioso, racial, cultural ou um mescla deles) que foi tragicamente destruído; 2) o uso da propaganda é fundamental para enaltecer uma política que prejudicará a maioria da população, pois sua função é ocultar os objetivos problemáticos; 3) a política fascista é anti-intelectualista, procurando minar o discurso público e desvalorizar a educação, a especialização e linguagem; 4) a propaganda fascista consegue distorcer ideais para que se voltem contra si mesmos, substituindo o debate fundamentado pelo medo e pela raiva; a realidade é substituída pelos pronunciamentos de líderes; mentiras óbvias são repetidas para buscar destruir o espaço de informação; 5) a hierarquia é uma espécie de ilusão em massa explorada pela política fascista; há sempre superiores e inferiores; 6) a ideologia fascista incentiva os sentimentos de angústia e insegurança próprios da atual sociabilidade, produzindo uma narrativa de vitimização e ressentimento diante do avanço dos direitos civis de imigrantes, mulheres, negros, LGBTQIAPN+, com o objetivo de justificar formas de opressão passadas, atuais e novas; 7) a retórica fascista da lei e da ordem separa os cidadãos em duas classes, os que fazem parte e os que não fazem parte da nação escolhida; 8) o discurso fascista promove o medo de misturar raças, de desestruturar a masculinidade patriarcal e a família tradicional, que corromperia a nação pura; 9) a política fascista dirige sua mensagem à população fora das grandes cidades, tidas como lugares de degeneração, promiscuidade e globalização; 10) na proposta fascista, em tempos de crise e necessidade, o Estado deve apoiar os membros da nação escolhida para *nós* e não para *eles*, que são preguiçosos, corruptos e carecem de uma ética de trabalho, por isso precisam ser curados pelo trabalho árduo.

4 FASCISMO NO BRASIL: INTEGRALISMO E BOLSONARISMO, PONTOS DE CONTATO

O Brasil, na década de 1930, não ficou imune ao fenômeno fascista, mesmo nos marcos de uma formação social herdeira de um passado colonial e escravista, com um processo de revolução política burguesa limitada, quando comparada com os processos clássicos de revolução burguesa nos países centrais.

De acordo com o cientista político Décio Saes (2023), o caráter predominante do escravismo, na economia rural, inviabilizou a eclosão, durante a revolução política burguesa de 1888-1891, de um processo social capaz de criar bases materiais amplas e profundas para a formação do capitalismo. Noutras palavras, a revolução burguesa no Brasil foi incapaz de realizar duas tarefas democráticas essenciais: a repartição da grande propriedade fundiária e a criação de um mercado interno de massas para o setor industrial.

Além disso, o desenvolvimento do capitalismo, no Brasil, ocorreu de maneira retardatária em relação aos países centrais; o processo de acumulação partiu do modo de produção colonial – não do modo de produção capitalista – e a burguesia brasileira nunca teve uma postura efetivamente antilatifundiária e anti-imperialista. Daí suas tendências não democráticas, conservadoras e golpistas diante dos avanços populares confundidos com a ameaça comunista. Isso significa que tarefas democráticas, como reforma agrária, soberania nacional e democratização da sociedade brasileira passem a ser levadas adiante pelo movimento operário popular.

Após a Revolução de 1930, segundo momento do processo de revolução política burguesa no Brasil, a extrema direita se intensificou com diversos movimentos de inspiração fascista: Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista e Ação Imperial Patrianovista Brasileira (organização monarquista). No entanto, o que vingou foi a Ação Integralista Brasileira (AIB), o movimento fascista com maior destaque na América Latina, que foi oficialmente lançado no dia 7 de outubro de 1932, no Teatro Municipal de São Paulo, com a apresentação do *Manifesto de outubro*, escrito por seu líder, o escritor paulista Plínio Salgado².

² Em 14 de junho de 1930, Plínio Salgado e outros intelectuais brasileiros encontraram-se com Mussolini, o que serviu para a idealização e conformação do futuro integralismo. As relações ideológico-políticas entre

O *Manifesto de outubro de 1932* (SALGADO, 1955) é composto por dez tópicos: *Concepção do universo e do homem; Como entendemos a nação brasileira; O princípio da autoridade; O nosso nacionalismo; Nós, os partidos e governo; O que pensamos das conspirações e da politicagem de grupos e facções; A questão social como a considera a Ação Integralista Brasileira; A família e a nação; O município centro das famílias, célula da nação e O Estado integralista*. O interessante, nesse documento do fascismo brasileiro, é o levantamento de temas sempre recorrentes da extrema direita no Brasil, como o enaltecimento do princípio de autoridade, as críticas aos partidos políticos, o programa para a defesa da família conservadora e o ideal de um Estado ditatorial.

Para os pesquisadores Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2020, p. 18),

O integralismo se apresentava como algo novo em uma sociedade intolerante que vivia com medo. Embalada no ritmo dos movimentos fascista e conservadores europeus, com apoio na encíclica papal do Leão XIII, a AIB assumiu um caráter espiritualista de harmonização social, de negação da luta de classes, denunciando que o liberalismo e o comunismo possuíam duas faces da mesma moeda: o materialismo. Seguindo o modelo clássico do fascismo, Plínio Salgado afirmava que o plano das duas correntes era a dominação dos governos e do Estado com o objetivo de controlar economicamente os povos.

A principal motivação que ocasionou a adesão de muitos integralistas, sem dúvida, foi o anticomunismo intensificado pelo pânico criado no Brasil. Muitos brasileiros passaram a militar na AIB durante a enorme onda contra o “perigo vermelho”. Após os acontecimentos de 1935, quando ocorreu uma tentativa revolucionária pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) e pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) [...] o perigo comunista passou a fazer parte ainda mais do imaginário social dos brasileiros. Para as elites e os setores da classe média, o espectro do comunismo rondava o Brasil.

Com a insegurança nascida da crise econômica de 1929 os problemas sociais, as contradições do regime político originado da Revolução de 1930 e o avanço na organização dos trabalhadores os integralistas aumentaram seus canais de financiamento. Grupos com recursos econômicos concederam quantias consideráveis à AIB para o combate ao comunismo.

o fascismo italiano e o integralismo brasileiro se deram por meio de acordos financeiros. Foram enviados diretamente 40 contos por mês para Plínio Salgado, sendo que, em momentos estratégicos, os valores eram maiores (Gonçalves, 2020; Bertonha, 2018).

Em relação à questão religiosa, o integralismo, apesar de suas conexões com o catolicismo e da maioria dos seus militantes serem católicos, não era ligado a uma religião específica. Havia um grupo forte de camisas verdes protestantes e espíritas, assim como membros do clero católico, conhecidos como batinas-verdes, isso porque o integralismo seguia uma ideologia religiosa cristã antidemocrática e anticientífica que deveria permear todos os detalhes da direção nacional. As *Diretrizes integralistas* de 1933 afirmam o que segue, conforme ortografia da época.

XVII

O integralismo, visando promover o aperfeiçoamento moral e espiritual da Nação, declara-se pelo espiritualismo contra tôdas as correntes materialistas de pensamento e de ação, que acobertadas pelo liberalismo vêm exercendo a sua obra nefasta de desintegração de tôdas as forças vivas da Pátria.

XVIII

Dentro dêsse critério, o Integralismo propõe-se respeitar a liberdade de consciência e garantir a liberdade de cultos, desde que não constituam ameaça à paz e à harmonia social.

XIX

O Integralismo manterá tôdas as reivindicações religiosas consubstanciadas na Constituição Federal de 16 de julho de 1934 e, posteriormente, fará respeitar os princípios cristãos em todos os detalhes da legislação nacional (Salgado, p. 121, 1955).

O Integralismo foi um amálgama de correntes e tensões. Além do líder Plínio Salgado (o Chefe), compunha a liderança suprema, Gustavo Barroso e Miguel Reale. O que os unia era uma ideologia conservadora fascista e a ação política contra o movimento operário-democrático. Plínio Salgado era vinculado ao cristianismo social, Gustavo Barroso representava o antissemitismo e o nazismo, enquanto Miguel Reale, de formação fundada nos teóricos do fascismo italiano, possuía uma percepção mais social, política e econômica.

Como todo movimento de orientação fascista, o integralismo possuía uma simbologia (camisa verde; saudação, *Anauê!*; a letra sigma, Σ , como símbolo do movimento; hino e bandeira), rituais (*Vigília da nação*, *Noites dos tambores silenciosos*, *Matinas de abril*, formas integralistas para casamentos e batismo), estrutura hierárquica militarizada (Chefe Nacional, Conselho Supremo, Câmara dos Quarenta, Câmara dos Quatrocentos, milícias), demonstrações públicas (marchas, bandeiras dos líderes a diversas regiões do país) e uma

rede de estruturas para controlar o conjunto da vida dos militantes (grupos esportivos, organização de mulheres, crianças e adolescentes, assistência social, bibliotecas, escolas).

Correntes de extrema direita, como integralismo, com significativa capilaridade e mobilização de massas, não é algo do passado. O bolsonarismo possui muito pontos de contato com integralismo: 1) a figura do líder supremo (o Mito); 2) a meta de destruir as organizações do movimento operário-popular; 3) a ideologia anticomunista; 4) a base social ativa da pequena burguesia; 5) culto a um passado mítico (ditadura militar); 6) militarismo (idealização das forças armadas); 7) demonstração de massas; 8) camisa da seleção brasileira como identificação (o verde-amarelo, a bandeira nacional); 9) a defesa da família patriarcal; 10) enaltecimento de valores conservadores; 11) vínculos orgânicos com estruturas religiosas reacionárias (em especial, protestantes, mas também correntes conservadoras católicas e espíritas); 12) intensa atividade de propaganda por meio de redes sociais; 13) a falta de uma estrutura única de controle da vida dos militantes é compensada pela metodologia de organização dos grupos religiosos; 14) anti-intelectualismo (criacionismo, terraplanismo, teorias da conspiração, combate às vacinas, entre outras extravagâncias); e o que não poderia faltar, 15) a corrupção inveterada presente nos grupos de extrema direita.

O bolsonarismo se nutre da crise econômica e social, da precarização das relações de trabalho, da decadência da pequena burguesia, da proletarização das camadas médias, da insegurança diante da conjuntura, dos preconceitos conservadores, da falta de propostas da esquerda para a pequena burguesia e da carência de mobilizações do movimento operário-popular que atraia os setores revoltados com o sistema para uma alternativa socialista.

5 É POSSÍVEL DERROTAR O FASCISMO?

A análise de Trotsky sobre a luta de classes, na Alemanha, no período de 1930 a 1933, não era acadêmica. Como marxista, tinha uma meta concreta de intervir nas ações do movimento operário alemão e internacional, alertando sobre a ameaça do nazismo, propondo táticas e objetivos para combater a ascensão de Hitler e suas hordas. No texto

intitulado *Carta ao operário comunista do KPD*, de 8 de dezembro de 1931, Trotsky indicava a perspectiva classista.

Operários comunistas, sois centenas de milhares e milhões, não podereis seguir para parte alguma! Para vós não haverá passaportes para o estrangeiro que bastem. No caso em que o fascismo suba ao poder, ele passará sobre os vossos crânios e as vossas espinhas dorsais como um tanque terrível. Só há salvação na luta implacável. E a vitória só pode ser alcançada por uma aproximação, no combate, com os operários social-democratas. Apressai-vos, operários comunistas, porque pouco tempo vos resta! (Trotsky, 2011, p. 136).

A frente única dos trabalhadores é a única resposta com possibilidades efetivas de derrotar o avanço do nazismo, constando das seguintes posturas e compreensões: a vitória do fascismo não é inevitável enquanto for possível mobilizar os trabalhadores; o rompimento dos trabalhadores que têm ilusões nas suas direções reformistas não é pré-condição para a frente única; propostas constantes de frente única devem ser feitas às direções das organizações dos trabalhadores; a frente única contra o fascismo deve vir simultaneamente das bases e das direções; a tomada do poder pelos fascistas não é decidida nas urnas, mas nas ruas, em disputas extraparlamentares; concentração de forças em ações antifascistas voltadas para mobilizar grandes massas, apoiadas pelas organizações de massa dos trabalhadores. Noutras palavras, o principal inimigo, na luta contra o fascismo, não é o reformismo, pois as duas correntes não são iguais. O fascismo procura destruir o conjunto das instituições dos trabalhadores e as conquistas democráticas das massas presentes na democracia burguesa, enquanto o reformismo é uma corrente do movimento operário que defende a conciliação de classes.

Tal orientação política se choca contra a ilusão reformista, tanto na Itália quanto na Alemanha, como atualmente no Brasil, de buscar deter o avanço do fascismo apenas com o apoio das instituições do Estado burguês e dos setores democráticos da grande burguesia, o que é a velha tendência de colaboração de classes. O objetivo, segundo Trotsky, é a defesa das organizações e das liberdades da classe trabalhadora para impulsionar uma alternativa socialista à crise da democracia e da sociedade burguesa, que geraram e nutriram a barbárie

fascista. A defesa abstrata da democracia significa a capitulação frente a instituições condenadas ligadas à crise estrutural da economia capitalista.

Há várias experiências históricas que demonstram a possibilidade de derrota do fascismo, de acordo com Mark Bray (2019). Na Itália, o *Arditi del Popolo* (Ousadia do Povo), fundado em Roma, no ano de 1921, congregou comunistas, anarquistas, socialistas e republicanos. Em pouco tempo, mobilizou 144 seções compostas por cerca de 20 mil membros para defender as cidades contra as incursões fascistas. Na Alemanha, o jornal comunista *Die Rote Fahne* (A Bandeira Vermelha), diante dos ataques nazistas, proclamou: “Onde quer que um fascista ouse mostrar seu rosto nos bairros da classe trabalhadora, os punhos dos trabalhadores iluminarão seu caminho de volta para casa. Berlim é vermelha! Berlim fica vermelha!”. Na França, na década de 1920, correntes operárias também combateram, nas ruas, organizações fascistas, como *Jeunes Patriotes* (Jovens Patriotas), *Ligue antisémite* de France (Liga Antissemita da França), *Ligue des Patriotes* (Liga dos Patriotas) e *Ligue de l'Action Française* (Liga da Ação Francesa). Na Inglaterra, em setembro de 1934, uma multidão de 120 mil pessoas reprimiu completamente uma reunião da União Fascista dos Britânicos (BUF), no Ryde Park, em Londres.

No Brasil, na década de 1930, o fascismo avançava, tinha apoio de vários jornais, revistas, personalidades, empresários, religiosos e setores das forças armadas. Sob a cumplicidade das autoridades públicas, milícias integralistas atacavam entidades operárias e promoviam grandes desfiles em várias cidades do país. O dia 7 de outubro seria uma grande data para AIB. A comemoração de dois anos do movimento foi planejada para a Praça da Sé, em São Paulo. Foi quando trotskistas, stalinistas, anarquistas, socialistas, sindicalistas e imigrantes, fugidos das ditaduras europeias, deixaram suas diferenças de lado e construíram uma frente única antifascista para derrotar os integralistas nas ruas. A Praça da Sé tornou-se um campo de batalha, com tiros, bombas, rajadas de metralhadora, feridos e mortos. O resultado foi a humilhação do integralismo nos seus próprios termos, a disputa das ruas. A batalha do dia 7 de setembro de 1934 ficou conhecido como a *revoada dos galinhas verdes*, que foi relatada por um dos participantes, o militante Fúlvio Abramo (2014).

O que esses exemplos históricos ensinam para o mundo, em particular, para o Brasil? Indicam que o movimento operário-popular e as organizações de esquerda devem ocupar as ruas na defesa dos direitos democráticos e de suas reivindicações. Essa é a postura para derrotar o golpismo, o bolsonarismo, a retirada de direitos sociais, as tendências de superexploração e o aumento de diversas formas de opressão.

A extrema direita é uma sombra que cresce mundialmente como uma ameaça, em primeiro lugar, para o movimento operário, mas também para o conjunto da humanidade. Até recentemente Donald Trump, nos Estados Unidos, Narendra Modi, na Índia, e Jair Bolsonaro, no Brasil, formavam um bloco de governos de extrema direita que dirigiram mais dois bilhões de seres humanos. Atualmente, Trump e Bolsonaro ainda são possibilidades políticas, enquanto a coalizão liderada por Modi ganhou as eleições indianas, mesmo com menor número de votos. E como exemplos: a Itália, nona maior economia do mundo, ainda continua sob a direção política da extrema direita; a Ucrânia, sob o governo neonazista de Volodymyr Zelensky, vem incentivando a Terceira Guerra Mundial; a gestão de Benjamin Netanyahu, em Israel, está perpetrando o genocídio planejado do povo palestino.

Esse quadro é apenas a ponta do iceberg. Como o fascismo, que foi estudado aqui, se caracteriza como uma mobilização reacionária de massas a questão a ser destacada é, até que ponto há a uma constante produção de indivíduos prontos para serem ganhos pelo canto de sereia dos movimentos de extrema direita. Noutras palavras, deve-se indicar os impactos gerados pelas atuais configurações do capitalismo e da sociabilidade burguesa, nomeadas como um novo apelo ao liberalismo (neoliberalismo), na geração constante e crescente de uma geração de perdedores econômicos e sem perspectivas futuras.

O neoliberalismo foi a base teórico-ideológica para uma ofensiva mundial de políticas de ajuste permanente do Fundo Monetário Internacional (FMI), particularmente, desde a ascensão de Margaret Thatcher como primeira-ministra do Reino Unido, em 1979, e Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos, em 1980, – além da experiência histórica da ditadura de Pinochet promovida pelos EUA desde 1973. O amálgama da ideologia neoliberal abarca políticas centradas na privatização, desregulamentação, abertura externa e financeirização, originou um conjunto de três contradições básicas. A primeira contradição

ocorre no plano econômico, entre a conquista de condições extremamente favoráveis para a acumulação do capital, acompanhada pelo surpreendente declínio das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da deterioração crescente do padrão de emprego. A segunda contradição se expressa na esfera dos regimes políticos com a consolidação da *democracia* neoliberal que desqualificou a capacidade do Estado de intervir economicamente no controle do capital, degradou a representação política e minou os próprios fundamentos do regime democrático-burguês, castrando as ínfimas possibilidades de soberania popular. A terceira contradição refere-se à guinada autoritária da “democracia neoliberal”, por dois motivos: 1) os ataques aos direitos sociais conquistados no período pós Segunda Guerra Mundial exigiu um reforço do aparato repressivo e da base jurídica para criminalizar movimentos sociais; 2) a tendência à personalização da política e a possibilidade de surgimento de lideranças demagógicas de perfis conservadores, de direita e, também, de extrema direita.

Esse é o caldo de cultura próprio para o surgimento de tendências fascistas. O desaparecimento de empregos qualificados, a precarização das relações trabalhistas, deterioração salarial, quebra de vínculos comunitários, aumento do desemprego, concentração gritante de renda e riqueza, criminalização de movimentos sociais, desestruturação da representação sindical, enfraquecimento ou capitulação dos partidos tradicionais de esquerda e falta de perspectiva para novas gerações favorece discursos da extrema direita.

O fascismo baseia-se no preconceito, na violência e na discriminação. Historicamente traiu suas próprias bases sociais, favorecendo os setores mais privilegiados da sociedade. As experiências fascistas levaram os povos ao desastre, ao extermínio e à regressão social. Mas, o discurso fascista encanta os setores mais desesperados de uma sociedade em crise. O fascismo produz, mesmo de maneira falsa, uma ideia de futuro, uma esperança. A intolerância fascista empolga os sem esperança, organiza preconceitos seculares e cria inimigos responsáveis pelos infortúnios de milhões. Daí seu encanto atrativo na atualidade.

Diante de tudo o que foi exposto ao recorrer à história para entender o presente, é necessário reafirmar que só é possível derrotar o fascismo a partir de três instrumentos

básicos: a verdade, a mobilização popular e a defesa constante em defesa dos interesses sociais e democráticos da maioria da população.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**: uma história da luta contra o fascismo. São Paulo: Veneta, 2014.
- BERNADO, João. **Labirintos do Fascismo**: teias do fascismo. Vol. 1. São Paulo: Hedra, 1922.
- BERTONHA, João Fábio. **Plínio Salgado**: biografia política (1895-1975). São Paulo: Edusp, 2018.
- BRAY, Mark. **Antifa**: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- CABRAL, Cristiano Apolucena. **Fascismo**: suas raízes históricas inerentes à lógica do capital. Jundiá, SP: Paco. 2022.
- GENTILE, Emilio. **Quién es fascista**. Segunda reimpressão. Madrid: Alianza Editorial, 2021.
- GONÇALVES, Leandro Pereira e NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
- GUÉRIN, Daniel. **Fascismo e grande capital**. Capinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.
- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- MANDEL, Ernest. **Trotsky como alternativa**. São Paulo: Xamã, 1995.
- MANDEL, Ernest. **Sobre o fascismo**. Lisboa: Antídoto, 1976.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Crítica do Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- POULANTIZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SAES, Décio Azevedo Marques de. **República do capital**: capitalismo e processo político no Brasil. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2023.
- SALGADO, Plínio. Manifesto de outubro de 1932. In: **Obras completas de Plínio Salgado**. Volume IX. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

SALGADO, Plínio. Diretrizes integralistas. In: **Obras completas de Plínio Salgado**. Volume IX. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

TOGLIATTI, Palmiro. **Lições sobre o fascismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

TROTSKY, Leon. **Revolução e contrarrevolução na Alemanha**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

TROTSKY, Leon. **Carta ao operário comunista do KPD**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

Recebido em: 13/4/2024.

Aceito em: 30/4/2024.

Publicado online em: 15/6/2024.